

MONSERRATE
E O CULTO DA NATUREZA

A FEITO à rudeza da flora das nossas serras, ávida de luz, torturada de sede na estiagem ou batida por agrestes inverniais, com essa agressividade imposta pela crueldade da luta pela vida; familiarizado com a flora silvestre, plebeia e humilde, que enfrenta um ambiente hostil e batalha sem tréguas para conquistar o seu lugar ao Sol — sinto-me perplexo e tímido, receoso e desconfiado, perante estas plantas que vegetam nas penumbras doces, criadas numa atmosfera de serralho, fartas de húmus e de água, mas tão franzinas e sensíveis que um beijo do Sol mata, ou cresta, ou agride, um afago mais rude da brisa.

No exotismo architectural deste palácio, de tão vincado sabor oriental, essas plantas cativas, que expõem voluptuosamente a sua beleza estranha, como que adormecidas pela melopeia da água, monótona, doce e triste como uma canção mussulmana, dir-se-ia pertencerem a um reino vegetal à parte, uma flora de harém, misteriosa e sensual, e que o botânico austero mal ousa fitar, intrigado, descontente e suspeito.

Trata-se, todavia, das mais vulgares plantas de estufa: begónias, avencas e fetos — uma flora burguesa, familiar, caseira, eminentemente respeitável, que o exotismo ou a magia do lugar desbanalizou, e decerto por isso agora olhamos com novo interesse e talvez imprevista curiosidade.

Na *Begonia rex*, a Natureza foi sóbria ou até monótona na forma. A folha imita uma paleta de pintor e, sobre esta paleta, ora derramou as tintas negras e misteriosas de Rembrandt, ora os tons

Conferência proferida no Palácio de Monserrate, em Sintra, em 6 de Outubro de 1951, no encerramento da Exposição de Plantas Ornamentais, promovida pela Direcção-Geral da Fazenda Pública. Edição da Direcção-Geral da Fazenda Pública. Lisboa, 1952.

violentos e agressivos de Veronese e de Ticiano, ora a policromia harmoniosa, quente e máscula de Rubens, ora as tonalidades claras e doces de certos quadros de Ingres; e, insatisfeita, desapontada talvez, deu a Natureza a outras folhas esses estranhos reflexos metálicos, tão raros no mundo vegetal, do ouro, do cobre, da prata polida, os quais dir-se-ia que desvegetalizam a planta para lhe imprimir a frieza de um esmalte, a geometria de um mosaico, a algidez de uma lâmina metálica de caprichoso recorte.

Na folha, e só na folha, se concentraram os desvelos artísticos da Natureza, e para que as obras-primas do seu génio criador se não perdessem ou alterassem pelos caprichos da polinização cruzada, a própria folha, caída no solo humoso, multiplica-se em novas plantas que fielmente perpetuam a que lhes deu origem. Para este fenómeno transcendente, não nos contentemos com a fria explicação científica. Vejamos antes nele o esforço heróico e orgulhoso de uma planta aristocrática para salvar a sua beleza peregrina do aviltamento ou da degradação da mestiçagem.

Temos por certo que a Natureza se deleitou com a obra criada, pois só assim se compreende que o género *Begonia* reúna 400 a 500 espécies, duzentas das quais com interesse do ponto de vista da floricultura, e que deram origem, por cruzamento e por hibridação, a um número quase infinito de formas culturais.

Para se avaliar a opulência deste género botânico, largamente representado na flora da América equatorial e das zonas tropicais da África e da Ásia, e apenas conhecido na Europa no último quartel do século XVIII, bastará dizer que abrange cerca de 60 secções, com espécies herbáceas e subarborescentes, valiosas, umas, pela singularidade da folhagem, outras pela extraordinária beleza da forma ou do colorido das flores.

Dos quatro grandes grupos que os jardineiros estabeleceram no género *Begonia* (rizomatosas, tuberosas, semi-tuberosas e de raízes fibrosas), dois apenas se encontram aqui representados, e em muito limitada extensão: o das begónias rizomatosas, a que pertence a espécie *rex*, cultivada pelo valor ornamental da folhagem, e o das begónias tuberosas, cujo maior encanto reside nas flores.

Estas últimas são, a bem dizer, plantas fabricadas pelo homem. Da América Central, e especialmente do Peru e da Bolívia, do Japão, da China e de Java nos veio a matéria-prima há pouco mais de oitenta anos. A flor, inicialmente singela, multiplicou, nas mãos de hábeis jardineiros, o número das suas pétalas, tornou-se maior, adquiriu novas e caprichosas formas, e pela variedade e pureza

do colorido pronto conquistou lugar honroso entre as mais belas flores do fim do Estio.

Se é permitido, no entanto, apontar-lhe alguns senões, diríamos que faltam a esta flor graciosa a fragância que lhe daria alma e certa garridice que lhe imprimiria mais sedução. Neste aspecto, trata-se de uma flor desactualizada: o pedúnculo, flexível, mal suporta o peso da corola, e as flores tombam e como que se escondem entre a folhagem, com um ar tão modesto e tão tímido, com tal recato e pudor, que dir-se-ia recém-saídas de uma página bucólica de Júlio Dinis.

Por mais estranho que o facto pareça, a begónia tuberosa que despreza o perfume, modesta e recatada, compêndio de virtudes femininas do século passado, torna-se de ano para ano mais popular. Não se iludam porém, os moralistas: tal triunfo deve-se somente ao colorido das flores, à sua beleza fugaz e perturbadora: flores ora brancas, de imaculada alvura, ora pecadoramente rubras, róseas, amarelas, de tons ardentes e sensuais que nos surpreendem e deslumbram.

Já o mesmo não podemos dizer da *Begonia rex*, cujo reinado, a darmos crédito aos floricultores mais pessimistas, está em risco de findar. A monotonia da folhagem, igual todo o ano, e que não estremece, não vibra, nem parece jamais envelhecer; as cores discretas e frias; a hirta sizudez da própria planta, inadaptada à inquietação, à ansia de variedade e de cor do nosso tempo, à pressa de buscarmos tudo o que nos deleita sem exigir o esforço de meditar, de admirar e de compreender — ameaçam o prestígio secular desta rainha das plantas de sombra.

Acreditemos, no entanto, que em todas as estufas da velha Europa, mãos piedosas de jardineiros, indiferentes aos caprichos e às fantasias da moda, manterão sempre vivo o culto por esta formosa planta, cujas folhas trazem até nós, na extravagância do colorido, toda a misteriosa sedução dos trópicos.

Que dizer dos fetos e das avencas, esses enamorados do murmúrio da água, do silêncio e da frescura das grutas, do gotejar das estalactites nacaradas, da penumbra doce dos recantos atapeitados de musgo? Aqui, é o *tricot* da folhagem, a renda de clorofila, por vezes tão leve e diáfana como a espuma, que lhes dá a graciosidade alada de longas penas vegetais. A estas plantas, a que foi negada a faculdade de produzirem flores, cabe a missão humilde de exaltar a beleza da aristocracia das estufas. Admiramo-las na

sua simplicidade, em que não se revela menos belo o poder criador da Natureza.

* * *

Não constitui objectivo apenas desta exposição, tal como o entrevejo, exhibir aqui algumas belas plantas ornamentais e proporcionar-nos, na hora inquieta que vivemos, um momento fugidivo de recolhimento espiritual, a alegria sã de admirar a Natureza, o esquecimento momentâneo das tristezas, dos desencantos e das misérias do nosso pobre mundo.

A exposição vale sobretudo pelo ambiente em que é realizada e pelos altos propósitos estéticos que visa. Estamos em Monserrate, integrado enfim no património nacional, em plena tarefa piedosa e patriótica de sarar as chagas que lhe causaram as vicissitudes do tempo e da fortuna, a ambição e os desvarios dos homens, para que este templo magnífico exalte nos portugueses o amor da Natureza.

Singular destino o deste jardim-floresta! Nobre e desinteressado entusiasmo pôs aqui o dinheiro ao serviço da Beleza; o culto da Arte ergueu este monumento; aqui, no dizer do Conde de Arnoso, foi despejado o ouro pelas íngremes encostas; por estes vales correu caudaloso como a água dos regatos e, como essa água, nobremente fecundou a terra e realizou um milagre.

Isso passou-se não há ainda um século, e, em tal espaço de tempo, assim como se viu o dinheiro criar beleza, assim também se viu destruir a beleza para criar dinheiro. Caberia a propósito a sentença fúnebre da Imitação da Vida de Cristo: *sic transit gloria mundi!*

Eu não tenho a ingenuidade daquele poeta persa que perguntava ao vendedor de rosas se as vendia para ganhar dinheiro, e que poderia ele comprar em todo o mundo, com esse dinheiro, que fosse mais belo do que as rosas. Não se trata de devaneio romântico ou de sentimentalismo vão. Há criações que fazem parte do património espiritual e artístico da humanidade e cujo aniquilamento não representa apenas um crime contra a estética, senão um delito contra a civilização, uma ofensa à dignidade da pessoa humana. Tarde embora, e por isso não sem perduráveis cicatrizes, salvou-se Monserrate de perda irreparável. Louvemos sem reserva os que assim serviram a cultura nacional, e façamos por esquecer

todas as tristes recordações que maculam o doce encanto que emana destes lugares.

Antes de falar de Monserrate, seja-me permitida, porém, a ousadia, ou a irreverência, de falar de Sintra, e usufruir um privilégio reservado aos poetas, aos artistas, às sensibilidades requintadas, aos espíritos subtis e, mais particularmente, aos viajantes estrangeiros ilustres. Porque não sou nenhuma dessas coisas, poderei usar talvez algumas liberdades de expressão, sem receio de que ofendam o bucolismo deste ambiente.

Sobre Sintra, que Deus me perdoe! paira ainda hoje o espectro de Lord Byron, e não sei se todos sentem, como eu sinto, o desejo irreprimível de lhe pedir delicadamente que se retire para que possamos, com os nossos próprios olhos, com a nossa própria sensibilidade, viver o encantamento deste pequeno e maravilhoso mundo, grandioso e belo em demasia para caber nalguns singelos versos do *Childe Harold*.

Eu tenho por Byron a admiração e o respeito que se devem a um dos maiores poetas do seu século, toda a humana simpatia pelo exilado, pelo cavaleiro andante que arrasta pelo mundo os seus infortúnios, a sua inquietação e o seu génio; por esse homem que viveu intensamente e desordenadamente a vida, e que morre como um pária, na remota Grécia, quando aspirava a redimir seus erros e seus desvarios.

Mas não menos do que a água e o clima que operaram a desnacionalização física da Serra, o genial poeta contribuiu para que se desnacionalizasse espiritualmente Sintra. Quase diria que os viajantes ilustres no-la roubaram.

Em qualquer página que se leia sobre Sintra, Byron surge, revive, com o seu *spleen*, a sua cabeleira revolta, a melancolia de poeta incompreendido, para dizer que ela é: — o glorioso *Eden*. E, dito isto, regressa ao seu sonho e à sua solidão de romântico.

A força de repetida, esta frase tornou-se sedição, destoante, vazia de sentido, arripia os nervos, e pesa sobre estes lugares de peregrina formosura qual reclamo ostentoso na fachada de uma catedral. E há cento e tantos anos, santo Deus! que se repete e repisa esta legenda como se ela realmente exprimisse, ou sintetizasse, todo o encanto espiritual de Sintra, o mistério da sua origem, o suave lirismo da sua paisagem, a singular fascinação que sobre nós exerce. Quase esquecemos que o nosso bom Gil Vicente, cerca de três séculos antes, com muito menos ênfase e muito mais lirismo,

havia admiravelmente definido o exotismo da Serra, o que ela tem de estranho no ambiente português:

*Um jardim do paraíso terreal
que Salomão mandou aqui
a um rei de Portugal.*

ou, então, nesta síntese admirável:

*Es la sierra mas hermosa
que yo sento en esta vida:
es como dama pollida,
brava, dulce y graciosa...*

E como se não bastasse Byron, tropeçamos a cada passo com as exclamações de enlevo de todos os ilustres viajantes que nos últimos cem anos por aqui passaram: o príncipe Lichnowsky, Southey, Mathews, Owen, Hume, Costigan, Strauss, Gorani, Obersteiner, Bazin... um desfilar sem fim, e cujos madrigais Sintra, a princesa moira de beleza sem par, recita maquinalmente com o mesmo baboso enternecimento com que uma velha *cocotte* lê e relê amarelecidas e poeirentas cartas de amor.

Perante esta caudalosa torrente de opiniões de estrangeiros sobre Sintra, sinceramente me admiro de que nenhum escritor português que dela se ocupou, e em defesa do prestígio lusitano (tal como o Raposo da *Relíquias* para não ficar atrás do Dr. Topsius), haja sentido a tentação de escrever por baixo do seu nome: «português, d'aquém e d'além mar»...

Não creio que ninguém, melhor do que os meridionais, possa apreender todo o encanto de Sintra, como acredito que só o árabe pode viver a volúpia e o deslumbramento do oásis.

E, para tanto, não há necessidade de ver Sintra pelo prisma dos românticos do século passado: refúgio de eremitas pobres ou de artistas milionários; retiro de poetas desiludidos, de amorosos desencantados que aos montes selvagens, aos arroios cantantes e às orvalhadas ervas confiam seus desesperos. Esta Sintra, de nostálgico recolhimento, a bem dizer, morreu.

O que está sempre vivo na Serra franzina e airosa é o ambiente idílico que tão bem se harmoniza com o lirismo nacional; é o poder de evocação histórica; é o milagre de beleza, o prodígio de vegetação que faz dela um misto de selva e de *boudoir*. A água que jorra em

prodigalidades de cascatas, de arroios e de fontes, com a sua toada dolente e tão aliciante que dela se embeberam os cantares meridionais; a neblina que vem do mar e abraça a Serra numa carícia oceânica, toda feita de bruma e de mistério; a paisagem em que se associam a montanha, o mar, a campina: alcantilados serros, penedias abruptas, abismos de suave e húmida verdura; muralhas de ramaria que se entreabrem para nos mostrar, aqui, um castelo de lenda, recantos de céu, nuvens fugidias, ali, a planura ondulante e o mar imenso — quadros maravilhosos em cujos longes o nosso olhar se perde inebriado — explicam a fascinação que Sintra exerce até naqueles que não são poetas.

Mas são sem dúvida os contrastes, a estranha associação da floresta nórdica com a floresta tropical que irrompe como um oásis na aridez circundante, que mais particularmente nos impressionam.

A bem dizer, Sintra constitui uma ofensa à paisagem florestal portuguesa. Esse *Mons lunae* dos velhos romanos, com a sua coroa de velhas muralhas e o castelo altaneiro que lembra as ilustrações de um conto de fadas, ergue-se verdejante na planura árida, monótona e banal, planície «de cardos e de pedras», no dizer de Gil Vicente, campos fulvos onde na canícula agonizam restolhos e a vegetação arbórea, dispersa e rara, mal se defende do Sol cruel e abrasador.

O contraste é doloroso. Pelas vértices da Serra corre a água a jorros; na frescura das sombras, entre muros revestidos de tapeçarias de musgo de que gotejam pérolas de orvalho, abrem-se, em túneis de verdura, caminhos estreitos e penumbrosos; a opulência da vegetação arbórea denuncia por toda a parte a ucharia de húmus e, sob o coberto dos arvoredos, à luz irreal que se cõa através da folhagem tenra e translúcida, numa atmosfera tépida, vaporosa e húmida, plantas raras e estranhas, toda essa flora tropical gulosa de húmus e de água, espreguiçam-se suculentas e fartas.

Por que não dizer que Sintra escandaliza a nossa paisagem silvícola?

Esta tem por tipo a floresta árida, aridez imposta, menos por influxo dos rigores do clima do que pela intervenção do homem que a mutila, castiga e degrada. Os nossos sobreirais e azinhais do Sul perderam toda a fisionomia silvícola primitiva. Nesses imensos e monótonos povoamentos a árvore vive exilada da floresta, e este exílio torna mais dura e mais penosa a luta pela vida porque consente que o tentáculo do Mediterrâneo, com as suas desoladoras estiagens, mais se faça sentir sobre a vida vegetal. Despojado o sobreiro do seu invólucro suberoso, ou mutilada periodicamente a

ramagem, como na azinheira, modificado ou destruído o revestimento vegetal associado à floresta, a árvore, vítima imolada à insaciável avidez do homem, dir-se-ia débil juguete nas suas mãos.

E até os pinhais das dunas e das serras conservam a fisionomia do bosque árido, mercê da destruição sistemática do próprio ambiente da floresta. Escassez de húmus significa escassez de água e, sem água e sem húmus, sem o impulso destas forças criadoras, o bosque degrada-se e aniquila-se. Apenas onde corre algum fio de água na estiagem, numa encosta avesseira ou num vale mais fresco, a vegetação lenhosa se apresenta exuberante, rica e variada, mas raro nos oferece a majestade da verdadeira floresta.

Só no Noroeste, já sob o clima da Europa húmida, os frondosos carvalhais, hoje quase desaparecidos, poderiam evocar o bosque nórdico, mimoso e verdejante, com seus fofos tapetes de musgos e de selaginelas a revestirem o solo humoso e fecundo. Porém, ainda aqui, a ambiência da floresta natural foi destruída e o pinheiro bravo, ao ocupar o lugar das nobres quercíneas, lamentavelmente transformou a paisagem florestal do nosso Minho.

E quando a floresta desapareceu, ou aqui, ou nas serranias das Beiras, de Trás-os-Montes, da Estremadura ou do Algarve, a erosão descarnou a montanha e surgiu a charneca erma, de mato xerófito, rasteiro e agressivo, pobre e grosseiro manto que mal esconde o solo esquelético e mal atenua a desolação angustiosa, dramática, das imensas serranias desertas.

A flora arbustiva e subarbustiva das nossas matas é constituída por espécies munidas de defesas morfológicas e fisiológicas contra a escassez de água no Estio: flora humilde, indigente, verdadeiro proletariado do mundo vegetal, habituada às privações, à pobreza, à luta contra a adversidade. Espinhos, acúleos, folhas espessas e rígidas, ou estreitas e aceradas, a profusão dos pêlos, o perfume talvez — eis algumas das armas que a planta opõe à hostilidade do clima. Mas, nesta flora plebeia palpita a vida com mais intensidade, e porque lutou, e porque venceu, é mais forte a sua alegria de viver. E não me surpreende que, aos olhos de algum silvicultor mais romântico, a floresta árida tenha também o seu encanto e a sua poesia.

Repare-se na vegetação tenra, inerte, mas um pouco estiolada, lânguida e frágil, da floresta húmida, monotonamente verde, indiferente às estações que se sucedem, e compare-se com a alegria viril das nossas matas na Primavera, animadas pelo tumulto dos insectos, pela floração esplendorosa, pelos perfumes másculos, pelas

manchas vibrantes de cor, como se todo o mundo vegetal ali se reunisse, com seus trajes festivos, em alegre romaria. Veja-se a sofreguidão com que essas plantas florescem, na certeza de que na breve vida da flor cada minuto conta.

Quem não contemplará enternecido os sargaços, as giestas, as urzes, a morganiça, o alecrim, a alfazema, a madressilva, a murta, ou até as mais agressivas, como os cardos, os tojos, as alcachofras, nas alegrias da floração?

Estranhas analogias existem entre os seres meridionais! Dir-se-ia que toda essa vegetação canta para esquecer seus males.

A floresta árida não tem mistérios. Não há penumbras doces, recantos líricos, musgosos muros, águas cantantes, verduras tenras... tudo o que é grato ao nosso velho bucolismo. Fimda a efusão primaveril, a floresta torna-se desolada, triste, monótona.

E é então quando nos campos a vegetação herbácea agoniza, o Sol reverbera na terra ressequida e escaldante, os ribeiros deixam de correr nos leitos pedregosos, as fontes emudecem e nas grandes planuras do Sul esvoaçam cegonhas num céu de fogo, e só a estrídula fanfarra das cigarras quebra o silêncio angustioso — é então que compreendemos todo o encantamento de Sintra, e para nós próprios, baixinho, enternecidamente, murmuramos os versos de Garrett:

.....
*Trono de vicejante primavera,
quem te não ama? Quem, se em teu regaço,
uma hora de vida lhe há corrido,
essa hora esquecerá!*

Sintra é assim: uma ratoeira em que até um prosaico agrônomo como eu é apanhado a dizer versos, qual enamorado trovador!

* * *

Falemos, porém, de Monserrate, esse recanto da Serra de Sintra que, na segunda metade do século passado, o talento do jardineiro Birt transformou na selva-jardim que viria a ser uma das mais belas catedrais arbóreas erguidas pela mão do homem em toda a Europa. E limitemo-nos apenas a sucinta referência a alguns aspectos que neste momento mais interessa individuar.

Mal se conhece a história desta propriedade antes do século XVI, em que é fundada a capela que deu o nome à Quinta. Apenas temos

notícia de que no meado daquele século pertencia ao Hospital de Todos-os-Santos, de Lisboa, e que no século imediato passou, por aforamento, à família Mello e Castro, e na posse desta família se manteve até ao meado do século XVIII, em que é arrendada ao inglês Gerardo Devisme, o primeiro que a aformoseou. Era então constituída por denso bosque de carvalhos, em que predominariam os sobreiros, e por um pomar de citrinos. Depois de Devisme, e ainda no século XVIII, ali viveu William Beckford, o multi-milionário espirituoso e artista, e cuja fina sensibilidade teria contribuído para apurar a formosura da Quinta. Após a partida de Beckford, e arruinada por sucessivos arrendamentos, é adquirida, por fim, pelo milionário inglês Francis Cook, a quem se deve a transformação prodigiosa que sofreu a partir da segunda metade do século passado.

Coube a Birt a difícil tarefa de criar este parque admirável, e levou-a a cabo com tão genial perícia que, decorridos quase cem anos, nos assombra a rara sensibilidade, o singular poder criador deste artista extraordinário, renovador audacioso da estética paisagística, e que ousadamente opõe ao jardim geométrico da época, de patente preciosismo, em que as plantas pouco mais são do que acessórios, simples elementos decorativos domesticados, o conceito estético naturalista, o arranjo aparentemente anárquico que nos dá a Natureza viva, espontânea, em toda a sua magnificência.

Corre Francis Cook as partidas do mundo em busca das mais preciosas plantas; reúne, acumula, tesouros vegetais; não hesita perante as mais fantásticas despesas para, numa extravagância de milionário, transformar a floresta bravia em novo Jardim das Delícias que deslumbraria o mundo. E, por estranho capricho do destino, havia, na verdade, de consegui-lo, e só por que Monserrate, atrevo-me a supô-lo, não veio a ser, afinal, aquilo que ele sonhava.

Para Birt, essas árvores exóticas, essas plantas raras e preciosas, são simples pedras que lhe permitirão erguer a sua catedral, simples notas de música com que há-de compor a mais estranha das sinfonias.

Ocultar a sua personalidade, mascarar a intervenção do homem, esconder todos os artificios para que o jardim surgisse virginalmente, como que por milagre, com todo o esplendor, toda a espontaneidade, toda a opulência de uma obra da Natureza — parece ter sido a preocupação dominante deste jardineiro-poeta. E, no entanto, que profundos conhecimentos não revela a associação das espécies arbóreas, o equilíbrio dos valores na laboriosa arrumação dos planos, o senso estético na valorização das perspectivas, a forma como se

ergue uma cortina de folhagem, se abre uma clareira, rasga uma fresta ou uma janela para que imprevistamente surja, na grandiosa moldura verde, a maravilhosa paisagem circundante.

Em tudo quanto é ali artificial, desde a cascata aos rochedos que emolduram um pórtico, desde os tanques ao lago, ao traçado das veredas, às pontes e às grutas, tão discretamente interveio a mão do homem que cada uma das peças deste todo nos surge como elemento quase espontâneo da paisagem, integrado no ambiente, na perfeita harmonia do conjunto.

O artista apaga-se, oculta-se, e só um talento genial seria capaz de tal renúncia, quando lhe facultavam tudo o que era necessário para fazer uma coisa burguesmente deslumbrante.

Esse homem, *mirabile dictu!* como exclamaria o velho Virgílio, utiliza, com delicada sensibilidade, a própria voz da água para quebrar o silêncio opressivo do bosque. E nesta catedral de verdura a água canta, ora com alegre estrépito, que se repercute de vale em vale, de fraga em fraga, ora num murmúrio brando como um queixume; e quase se cala para além de novo se fazer ouvir, em tons, ora agudos e cristalinos, ora graves e dolentes, como que saídos da fruta de um fauno e fossem a própria voz da floresta.

Ouvindo a sinfonia da água, a nós próprios perguntamos intrigados: como pôde este inglês, um nórdico, sentir essa magia que só os árabes, verdadeiramente, souberam materializar?

Falar em Monserrate das belezas de Monserrate é demasiada ousadia. Quem poderá descrever, por exemplo, o vale dos fetos: catacumba de verdura em que a luz é coada através da clorofila e que surge aos nossos olhos meridionais, pouco afeitos às extravagâncias da flora dos trópicos, como um pequenino trecho de paisagem da era mesozóica?

A valia do parque não está, porém, apenas, na sua extraordinária riqueza paisagística. Para o botânico, Monserrate diz-se-ia uma babel vegetal, prodigioso herbário vivo em que se reúnem plantas de todo o mundo, numa confusão alucinante que atropela as leis da ecologia e da fitosociologia, como se, num momento de humor, a Natureza se empenhasse em derrotar os sábios.

Ao lado de espécies arbóreas e arbustivas da flora do Brasil, da Tasmânia, de Samatra, de Java e de Ceilão, da África e da América equatoriais, e da Índia, os mais belos exemplares de resinosas da flora nórdica. Ao ar livre, espécies botânicas delicadas, que na Europa só podem viver no abrigo caricioso das estufas, em

camaradagem com plantas de folhas carnosas: os cactos, os agaves, os aloés, cuja xerofilia nos evoca a aridez e a desolação da estepe. Para que enumerar aqui, na frieza de um inventário, os espécimes botânicos preciosos que são o orgulho desta Quinta? Do ponto de vista florístico, bem se pode dizer que Monserrate encerra todos os mundos num só mundo.

Não sei se peço por juízo temerário ao supor que a obra de Birt, e decerto porque não foi dada a Cook vê-la no apogeu, desiludiu o opulento capitalista. A sua ingratidão, a desumanidade até, para com o artista já cego e no fim da vida, terá talvez essa origem.

Como poderia um comerciante da *City*, altivo e fleugmático, cujo anseio de esplendor e de fausto está bem patente na arquitectura deste palácio, compreender o culto de Birt pela Natureza? Com que desgosto terá visto, ao lado das plantas raras, vindas de longínquos países, tão trabalhosamente buscadas e transportadas, e que encantavam a sua vaidade de milionário, erguer-se um humilde sobreiro lusitano, um ser inferior, tosco, banal, que as heras abraçam com trejeitos de bacantes, ou um pinheiro manso a abrigar-se do Sol com a sua umbela pretensiosa de mandarim, ou as azinheiras tortuosas, com a negrura de ciganas!

Com que desgosto íntimo terá visto crescer este parque selvoso, em vez do jardim botânico, repleto de mármore, qual olímpica mansão, com seus arruamentos traçados a régua e a compasso, com a frieza, o método, o cálculo do seu fino espírito britânico, e onde essas árvores e essas plantas raras se exibissem com decência, hirtas, solenes, com a gravidade e o aprumo de súbditos fiéis de Sua Majestade!

Tenho, para mim, que as estatuetas dispersas pela Quinta, graciosas, mas mesquinhas neste quadro grandioso; os túmulos etruscos que contam mais de dois mil anos e adquiridos por preços fabulosos, apenas patenteiam o desejo de ostentação do argentário, o anseio de tornar pomposo, exótico e opulento o que se lhe afigurava pobre, simples e banal. E bem podemos avaliar o sofrimento de Birt perante esta incompreensão pela sua obra.

Louvemos, no entanto, agradecidos, o homem generoso, o espírito superior que pôs o seu oiro ao serviço da Beleza, que tão gentilmente enobreceu o dinheiro, e nos legou esta mansão, única na Europa. E louvemos sobretudo a sua transigência, o respeito pelo artista que ele talvez não soube compreender, o que permitiu

que se salvasse a obra do genial jardineiro, sem as mutilações que facilmente lhe poderia introduzir o seu capricho de milionário. Louvores e agradecimentos merecem ainda os descendentes de Francis Cook que religiosamente conservaram a herança recebida e, melhor do que nós, portugueses, o fizemos até há pouco, souberam estimar e respeitar tão belo património.

E admiremos a obra do artista prodigioso, enamorado da Natureza, independente e livre, que opõe a sua delicada sensibilidade e a sua rara intuição estética a todos os convencionalismos e constrói, num anseio infinito de beleza e numa rajada de quase divina inspiração, este refúgio de Arte, onde o nosso espírito se eleva, contemplativo e sonhador, se purifica e retempera, esquecido das mesquinhas e cruéis realidades da vida.

E agora que Monserrate se integrou no património nacional, mal nos ficaria não colher os frutos da lição proveitosa que ele encerra.

Do respeito, do culto pela Natureza que aqui se patenteia, façamos uma ferramenta educativa que apure o senso estético do povo, eleve o gosto público e exalte o amor pela árvore, para que, entre outros altos e meritórios fins, venha a ser um dia finalmente excomungado o jardim municipal provinciano, tantas vezes pelintra, delambido, inestético, caricatural, doloroso testemunho da decadência da nossa sensibilidade artística, perigoso instrumento de deseducação de um povo: árvores tosquiadas, ultrajadas, perdida a nobre forma específica pela intromissão torpe da geometria na Natureza; lagos mesquinhos e pretensiosos, de águas paradas e lodosas, entre canteiros de flores anémicas; relvas nostálgicas a caminho da calvície, pérgulas nuas... toda essa triste exposição de incultura e de mau gosto.

Evidentemente que Monserrate só pode existir nas privilegiadas condições de Sintra e é o fruto da fantasia de um nababo. Mas podemos contentar-nos, em cada cidade ou em cada vila, com um pequeno e modesto parque onde se respeite a Natureza e onde se aprenda a admirá-la; que desperte o culto pelas coisas subtis e delicadas, por tudo o que traduza um ideal superior de beleza, esse nobre ideal que é a própria essência do generoso sentido humano da vida, e constitua ao mesmo tempo um refúgio onde se possam usufruir momentos de místico recolhimento. Porque é nesses momentos, em que o homem contacta com a Natureza e se isola do mundo... que mais se aproxima de Deus!